

O ALVORECER EMPREENDEDOR NA ESCOLA

Rio de Janeiro
Município: Barra do Piraí

*Ontem um menino que brincava me falou
Hoje é a semente do amanhã
Para não ter medo que este tempo vai passar
Não se desespere, nem pare de sonhar...*
(Nunca pare de sonhar – Gonzaguinha)

O Município de Barra do Piraí nasceu em 1890, no Vale do Paraíba, abraçado por serras e anfitrião dos rios Paraíba do Sul e Piraí, a 114 km da capital fluminense, próximo à Estrada do Ouro, que servia de caminho para o transporte do ouro e do café entre o Rio de Janeiro e a cidade de Minas Gerais. No período colonial, a floresta que existiu no Vale foi habitada pelos índios Xumetos, Pitas e Araris, da nação Tupi, os primeiros habitantes do Rio de Janeiro.

A herança indígena, a influência dos escravos e a chegada de imigrantes europeus contribuíram para a formação socioeconômica do Município, que no século XX saboreou o apogeu do ciclo de café, mas também testemunhou a criação de áreas rurais e urbanas que refletiam desigualdade econômica, com famílias sujeitas ao risco social da pobreza e da exclusão que se agravava ao longo das últimas décadas dos anos de 1990 e 2000.

Nesse período, a educação deu sinais da necessidade de mudança. Os anos de 2000 apontavam uma tendência que viria a se confirmar no início do século XXI: o rápido volume de informações que o avanço tecnológico impunha à sociedade e as novas exigências de perfis profissionais hábeis em lidar com as mudanças no mundo do trabalho. Isso se refletiu nas novas diretrizes estabelecidas pelas escolas de Ensino Fundamental e médio em todo o território nacional.

Em 2006, em meio às serras verdes, o então secretário municipal de Trabalho e Desenvolvimento Econômico, Roberto Monzo, juntamente com um grupo de educadoras formado pelas supervisoras de educação Ana Lúcia da Silva e Maria Aparecida Maciel, as professoras Míriam Oliveiras, Maria da Conceição da Silva e Suzeth Venâncio e as diretoras Heloíza Menezes e Vânia Lisboa da rede municipal de educação de Barra do Piraí, preocupadas com o futuro das crianças de famílias com baixo rendimento econômico e no limiar da situação de risco social,

questionaram-se sobre o que fazer para que esses meninos e meninas vivenciassem o sonho de uma vida mais plena, com os olhos a mirar uma vida sem violência e exclusão.

O VALE, O MUNICÍPIO E O CAFÉ

O Município de Barra do Piraí se construiu banhado pelo Rio Paraíba do Sul e seu afluente Piraí, além dos rios Ipiabas e Minhocas. Os rios formaram um vale, onde o Município e outras cidades se estabeleceram, denominado Vale Paraíba. A cidade foi erguida em torno desses rios, ligada por pontes. Ao longo dos anos, o volume dos rios se reduziu devido às construções de barragens, assoreamento e poluição.

Após a Independência, quando as minas de ouro decaíram, mineiros e portugueses estabeleceram-se às margens do Rio Paraíba do Sul e, assim, iniciaram a plantação do café. Os índios foram expulsos e aldeados em Valença e depois em Conservatória do Rio Bonito (Conservatória, distrito de Valença). A mão de obra utilizada era a escrava e as fazendas possuíam senzalas que abrigavam negros de vários grupos étnicos da África.

O café trouxe riqueza para as cidades do Vale do Rio Paraíba, mas essa riqueza durou poucos anos. As grandes fazendas definharam e os fazendeiros empobreceram. Em 1888, com a abolição da escravatura, a maioria das fazendas foi entregue aos bancos, aos quais os fazendeiros deviam muito dinheiro.

Os municípios de Valença, Piraí, Vassouras, Três Rios e Paraíba do Sul sofreram muito com a decadência das fazendas de café. Barra do Piraí, porém não foi muito abalada por ser um entroncamento ferroviário importante para a região. Foi o primeiro município criado pelo regime republicano em 1890. Ao longo do século XX, alguns fatores abalaram a liderança de Barra do Piraí no Vale do Paraíba, como a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e o crescimento da cidade de Volta Redonda; a construção da Rodovia Presidente Dutra, fazendo com que o transporte para o Vale do Paraíba deixasse de ser apenas ferroviário com a nova estrada passando longe da cidade; e a extinção dos trens de passageiros feita pelo Presidente Jânio Quadros em 1961.

Nos anos de 1990, mesmo com a diminuição da dinâmica econômica, a cidade seguiu novos rumos para a indústria, para o comércio, para a pecuária de corte e

agricultura. Além dessas atividades, passou a atrair visitantes interessados nas suas paisagens e nas fazendas de café repletas de histórias – algumas transformadas em hotel-fazenda.

Os anos se passaram e, em 2005, Barra do Piraí tinha uma população de 91.370 habitantes com um comércio desenvolvido e variado, várias agências bancárias, poucas indústrias, facilidade de abastecimento de gás natural, facilidade de transporte rodoviário e, dada a sua localização, buscou a retomada do crescimento e o retorno de sua importância no Vale do Paraíba e a redução da pobreza. Ainda que o IDH municipal fosse de 0,78, o Município possuía uma periferia formada por famílias pobres e forasteiros que, em busca de oportunidades, foram se instalando nas redondezas (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2005).

SEM O CAFÉ, O QUE FAZER?

Para a recuperação social e econômica de Barra do Piraí, dentre outros fatores, não havia dúvida do papel da educação por meio da melhoria no Ensino Fundamental regular (1ª a 4ª série) como um aliado na retomada do desenvolvimento do Município, dado o número de 3.997 alunos matriculados na rede pública municipal em 2005 (INEP, 2010).

Em 2005, ficou estabelecido no Plano Municipal de Educação de Barra do Piraí que a Educação Infantil deveria prover as escolas de profissionais que criassem situações de aprendizagem, ampliassem o universo cultural dos alunos e aproveitassem o repertório de conhecimentos construídos pelas crianças, cuja maioria vinha de famílias pobres com pais desempregados ou subempregados e outros dramas familiares.

O Plano Municipal de Educação de Barra determinou que a Educação Infantil, 1ª etapa da Educação Básica tivesse como finalidade, o desenvolvimento integral da criança até os 7 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual, social, complementado pela ação da família e comunidade em que estava inserida, além da superação da concepção assistencialista da educação.

Assim, alguns educadores municipais buscaram alternativas de projetos e metodologias de ensino que estimulassem as crianças e os adolescentes a

participarem de um processo ensino-aprendizagem mais dinâmico e mais inclusivo.

O desafio era:

- *Como despertar o interesse da criança pela escola, diminuir a evasão, a desistência, e fazê-la compreender o mundo de possibilidades que a vida lhe prometia apesar das dificuldades?* – questionava-se Aparecida Maciel, a Cida.

O COMEÇO DO SONHO: EM BUSCA DE SOLUÇÃO

A busca por alternativas pedagógicas mais participativas inquietou o grupo de educadores que estavam à frente da educação do Município. Pessoas como Zélia, Cida e Ana Lúcia não mediram esforços nesta jornada, elas sabiam que podiam realizar as diretrizes estabelecidas no Plano Municipal de Educação. O verso de Gonzaguinha simbolizou este instante:

*Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será*
(Nunca pare de sonhar – Gonzaguinha).

No final do ano de 2005, incentivado pela experiência e visão de futuro de Roberto Monzo, o grupo de educadoras, desejando um futuro de possibilidades para as crianças, tomou conhecimento do Programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos - JEPP, por intermédio de Francisco José Marins Ferreira, gerente da área de Educação e Cultura Empreendedora do Sebrae.

O programa tinha como objetivo disseminar a cultura empreendedora entre as crianças e jovens, para florescer os comportamentos e atitudes empreendedoras no público infanto-juvenil, e torná-los protagonistas de suas próprias vidas em todas as esferas: pessoal, profissional e social.

O JEPP foi criado para atender o público de crianças e jovens de 6 a 14 anos matriculadas no Ensino Fundamental (do 1º ao 9º ano) das escolas públicas, privadas e de projetos educacionais de ONGs. Logo, as educadoras perceberam no programa uma oportunidade com a qual a escola contribuiria para que as crianças desenvolvessem uma visão de futuro firmada em uma perspectiva empreendedora

diante da vida e que poderia favorecer o aumento da autoestima desses meninos e meninas.

O Programa foi desenvolvido com base em temas transversais que abordavam a cultura da cooperação, a cultura da inovação, a ecossustentabilidade, a ética e a cidadania. Os temas deveriam ser tratados por meio da realização de oficinas conduzidas pelos professores após repasse e aquisição da metodologia.

A adesão ao Programa, no caso das escolas públicas, ocorreu em reunião promovida pelo Sebrae/RJ, com a presença dos representantes da Prefeitura Municipal e Secretário de Educação do Município, sensibilizando-os para a questão da inserção da cultura empreendedora na escola como um caminho que colaborasse para a alteração do cenário social de risco das comunidades mais carentes.

O Município assinou o Termo de Adesão ao Programa sem cobrança de valor das escolas, para fazer o repasse da metodologia e capacitação dos professores. As escolas se responsabilizaram pelos custos de materiais para as atividades em sala de aula e reprodução das apostilas dos alunos. Optou-se pela flexibilidade da realização dos encontros devido à dificuldade de os professores disponibilizarem carga horária para dias seguidos de capacitação.

PROFESSORES: A SEMENTE FOI PLANTADA

Em 2006, os diretores e professores das escolas foram mobilizados e estimulados a participarem do repasse metodológico do JEPP a ser implementado no Ensino Fundamental. Em Barra do Piraí, das vinte e três escolas de Ensino Fundamental do Município, cinco participaram do Programa:

- CIEP Brizolão 428 (Municipalizado) – Dona Mariana Coelho
- CIEP Brizolão 284 (Municipalizado) – Nelly de Toledo Rocha
- Escola Municipal Cortines Cerqueira
- Escola Municipal Mario Mariotini
- Escola Municipal São José do Turvo
- Escola Municipal Pedro Alves Gomes

Os professores participaram da capacitação integral, de acordo com o segmento no qual estavam habilitados a ministrar aulas. Assim, ficou estabelecido que os professores seriam capacitados em dois segmentos: 1º Segmento – professores das turmas de 1º ao 5º ano; 2º Segmento – professores das turmas de 6º ao 9º ano.

Foram capacitados 56 professores, sendo 51 professores do 1º Segmento e cinco professores do 2º Segmento de turmas. Os professores tiveram um dia de fundamentação teórica e metodológica e mais oito dias de vivência em oficinas específicas para cada ano. O grupo de professores contou nesse momento com o apoio do gerente da área de Educação e Cultura Empreendedora do Sebrae/RJ, Francisco José Marins Ferreira, que forneceu a reprodução das apostilas dos professores e os materiais utilizados nas atividades vivenciais do repasse.

O Programa aplicou a metodologia semiaberta de capacitação, ou seja, cada instituição e professor o direcionariam para a sua realidade local, com a intenção de levar à sala de aula as especificidades da sua cidade/região. Para isso, a fundamentação metodológica do JEPP estava alicerçada em quatro pilares:

- ◆ Na educação empreendedora, com o objetivo de estimular a autonomia do aluno perante o conhecimento;
- ◆ No papel a ser assumido pelo professor como facilitador deste processo;
- ◆ Na criação de espaços de aprendizagem na escola que favorecessem o protagonismo infantil;
- ◆ No incentivo aos comportamentos e atitudes empreendedoras.

Os pilares se refletiam nas oficinas das quais os professores participaram, elaboradas com base na fundamentação do Ciclo de Aprendizagem Vivencial – CAV, cujas dinâmicas e vivências proporcionaram ao grupo a experiência de “aprender fazendo” do empreendedorismo. Os professores de imediato acolheram essa proposta metodológica que havia sido desenvolvida e adequada ao currículo do Ensino Fundamental com a utilização de recursos lúdicos para a fixação dos conceitos que seriam transmitidos aos alunos e ajudá-los a dar os primeiros passos em direção ao êxito do futuro profissional.

As oficinas compreendiam as seguintes atividades a serem desenvolvidas por etapas a cada ano do Ensino Fundamental por professores de todas as matérias:

Período	Atividade	Descrição
2º ano	Doce mundo das balas	Início da disseminação da cultura empreendedora, em que os alunos simulariam o processo de montagem de uma loja de balas.
3º ano	Mundo do faz de conta: oficina de divertimentos	Os alunos vivenciariam a montagem de uma oficina de divertimentos com a fabricação e venda de brinquedos com material reciclado. A ideia era aliar divertimento e lazer a uma infância saudável.
4º ano	Praticando a natureza: empreendedorismo e seus frutos	Essa oficina estava fundamentada na educação ambiental com foco na saúde e utilização consciente dos recursos naturais. Os professores incentivariam os alunos a montarem uma feira de produtos naturais para aprenderem os conceitos de clientes, concorrentes e fornecedores.
5º ano	Locadora de gibi	Os alunos praticariam o empreendedorismo por meio da montagem de uma locadora de gibi, a fim de despertar no aluno a importância do planejamento.
6º ano	Quem sabe faz a hora	O objetivo da oficina era desenvolver no aluno a capacidade empreendedora com foco na criatividade. Para isso, os alunos produziram um produto artesanal para exercitarem os conceitos de produção, qualidade e comercialização.
7º ano	Oficina de estamperia	Nesse ano, seriam trabalhados os aspectos comportamentais do empreendedorismo nos alunos relativos à motivação, tomada de decisão e busca de informação.
8º ano	Show room do papel	A oficina visava aprofundar as questões referentes ao meio ambiente, na qual os alunos aprenderiam a confeccionar papéis de carta, cadernetas e porta-retratos com papel reciclado. O propósito era apresentar o processo de reciclagem como um negócio sustentável e lucrativo.
9º ano	Desenvolvendo empreendedores	Na conclusão do Ensino Fundamental, os alunos aprenderiam e construiriam o plano de negócio.

Quadro 1 – Oficinas Vivenciais do Programa JEPP

Fonte: Programa de Formação de Jovens Empreendedores (Sebrae/RJ, 2006).

Após a realização de cada oficina, crescia o entusiasmo dos professores para colocar em prática na sala de aula o que aprendiam. Vânia Lisboa, diretora da Escola Municipal Mario Mariotini, relatou o que observou na reação dos professores:

Ao retornarem das oficinas, os professores comentavam:

- Vânia, olha o meu [projeto da oficina] é esse! Com o Mercado de Balas, as crianças vão aprender a pesquisar e nós vamos montar a loja. Se der pra gente fazer a bala, vai ser melhor ainda...

Outra professora chegou com um brinquedo falando: As crianças vão confeccionar um brinquedo!

Eles chegavam empolgados com várias ideias adquiridas durante a capacitação. Percebi uma renovação no ânimo dos professores e uma vontade urgente de exercitar as oficinas aprendidas com os alunos.

Os professores aproveitaram os momentos do repasse para também refletirem sobre a sua prática didático-pedagógica em sala de aula. Debateram sobre as dificuldades de estimular o interesse dos alunos pelo estudo e pelas atividades das escolas. A professora Suzeth Venâncio comentou que as atividades vivenciadas serviram para enriquecer as disciplinas da matriz curricular.

Outro impasse identificado pelos professores a ser superado nas escolas era a distância entre a maioria dos pais e a escola. Poucos pais participavam das reuniões escolares.

A semente do empreendedorismo foi fecundada nas mentes e corações dos professores que deveriam conduzir seus alunos a vivenciarem as oficinas empreendedoras. Vânia Lisboa e Heloiza Menezes, bem como as demais diretoras escolares, reunidas com os professores, decidiram implantar como experiência a atividade Doce Mundo das Balas nas turmas de 2º ano do Ensino Fundamental.

O FLORESCIMENTO DA SEMENTE NA ESCOLA

Os professores retornaram às salas de aula e incentivaram os alunos à participação nas atividades da oficina Doce Mundo das Balas. “Que tal fazermos

algo diferente aqui na turma?”, perguntou a professora Míriam Oliveira aos seus alunos. Ao explicar o desafio, os professores obtiveram 100% de adesão dos alunos.

Os alunos receberam suas apostilas e os professores trabalhavam este conteúdo uma vez por semana, dependendo do cumprimento da carga horária semanal das aulas. Os professores das áreas mais diversas (história, matemática, português etc.) se envolveram na atividade e, segundo Cida, mesmo as crianças que tinham dificuldades de aprendizagem ou costumavam se eximir das tarefas escolares abraçaram a ideia como uma missão que deveria ser cumprida, um sonho a ser conquistado, uma “coisa diferente” do dia a dia e das obrigações escolares: a criação da loja de balas.

Nas suas respectivas turmas, os professores orientavam os alunos por meio da apostila; eles iriam simular a montagem de uma loja de balas e para isso teriam de pensar em ações para viabilizar essa montagem. Míriam relatou que na sua turma surgiu a ideia de dispor uma caixinha, como um cofre, para que todos os dias, com o troco do lanche, os alunos contribuíssem para a compra das balas que seriam vendidas na loja. “Deu um dinheiro muito bom, que deu até pra gente comprar muitos e variados doces. Muitas mães também contribuíram, mandavam às vezes cinco reais. Na minha turma, as mães participavam muito”, comentou Míriam.

Os pais souberam que os filhos estavam participando de uma nova atividade pelas próprias crianças, que, ao retornarem aos seus lares, comentavam com eles sobre a novidade que estavam vivenciando na escola. A ideia começou a contagiar.

Os professores foram autorizados pelas escolas a percorrerem com as crianças as ruas dos bairros para pesquisar os preços e as marcas das balas, conversar com os clientes e empresários das lojas. Observaram os *layouts* e as propagandas no interior dos comércios e exercitaram a decisão sobre a escolha do que comprar para que conseguissem obter lucro com a revenda de balas. Para isso, pesquisaram a preferência dos consumidores de balas e o tipo de balas que as pessoas da localidade gostavam de comprar. Um total de 358 alunos do 2º ano participou dessas atividades em Barra do Piraí.

A professora Maria da Conceição da Silva afirmou ter sido surpreendida com a iniciativa dos alunos: “a maioria foi pesquisar sobre o preço de balas e doces perto da escola. Eles já sabiam mais ou menos o preço, mas não conheciam o custo para comprar a bala e revendê-la”.

Com o estoque de balas formado ao longo do ano, diretores, professores e alunos planejaram a realização do mercado de balas com a simulação de lojas nas quais as crianças exercitariam sua capacidade empreendedora no final do ano letivo de 2006.

É HOJE O DIA DA ALEGRIA

*Jujuba, bananada, pipoca,
Cocada, queijadinha, sorvete,
Chiclete, sundae de chocolate,
Uh!*

*Paçoca, mariola, quindim,
Frumelo, doce de abóbora com coco,
Bala juquinha, algodão-doce e manjar.
Uh!*

*Venha pra cá, venha comigo!
A hora é pra já, não é proibido.
Vou te contar: tá divertido,
Pode chegar!*

(Não é proibido – Marisa Monte, Dadi e Seu Jorge)

No final de 2006, nos dias que antecederam o mercado de balas, as crianças convidaram as pessoas de suas ruas, os parentes, os vizinhos, e pediram a eles que fossem ao mercado e comprassem as balas. E todos foram. No dia de abertura do mercado de balas, representantes do Sebrae/RJ estiveram presentes prestigiando o evento e repórteres da TV Rio Sul, afiliada da Rede Globo, noticiaram e entrevistaram alunos e professores, realizadores do mercado nas escolas municipais.

A diretora Heloiza Menezes comentou que o ápice do projeto parecia uma festa na escola, uma invasão de pais, uma mobilização das crianças, todas animadas, e os professores muito motivados: “parecia uma festa. A escola toda enfeitada, toda colorida, cheia de barraquinhas decoradas e com cartazes de divulgação”. As diretoras Heloiza Menezes e Vânia Lisboa perceberam que entre os professores houve um compartilhamento de tarefas, uma ajuda mútua na qual cada um oferecia seus conhecimentos específicos para superar os obstáculos que surgiam.

O engajamento dos pais foi outro fator ressaltado pelos professores. Parecia que o distanciamento da escola havia ficado no passado. Míriam relatou sobre uma

mãe que tinha um pequeno negócio de organização e decoração de festas infantis. Ela compareceu ao mercado trazendo alguns enfeites para a ornamentação das barracas, além de ajudar as crianças a venderem: “foi muito bom”. As crianças aprenderam a vender e a manusear o troco das vendas. Os pais observavam se as crianças passavam o troco corretamente aos clientes, corrigindo-os quando necessário, mas sem interferir na condução das crianças. Houve uma norma que os alunos estabeleceram como regra geral da venda: “vendas no fiado, nem pensar”, disse Míriam, que completou: “A gente fez as contas quando tudo acabou. O faturamento das lojas foi guardado em um cofrinho de garrafa pet. Nós trocamos tudo em moeda e cada criança recebeu R\$ 8,90 como fruto do seu desempenho. Nossa, eles ficaram muito, muito felizes! E eles ainda falaram assim para os colegas que não se esforçaram tanto: “Mas você ajudou muito pouco, então você deve ganhar apenas R\$ 8,00. Você nem ajudou!”

“A gente viu o brilho e alegria nos olhos das crianças. Algumas até comentavam que, quando crescessem, já podiam ter seu próprio negócio: ser dono de uma loja de doces e balas”, declarou Ana Lúcia.

Nas escolas onde o mercado de balas foi realizado, os professores concluíram que um ponto de destaque do Programa foi que a metodologia favoreceu o desenvolvimento do espírito de coletividade, trazendo a comunidade para dentro da escola, sobretudo os pais, bem como a multiplicação de conhecimentos e benefícios como, por exemplo, a identificação de uma janela de oportunidade pela qual as famílias e as crianças aprenderam a enxergar caminhos possíveis para o êxito profissional por meio da ação empreendedora.

O ano de 2006 finalizou-se com ares de expectativa nos corações de todos. Nas escolas, o desafio foi dar continuidade ao Programa nas turmas subsequentes do 3º ao 9º ano.

OS VENTOS VINDOUROS

Os diretores e professores que atuaram no Programa revelaram entusiasmo e satisfação com os resultados alcançados no 2º ano. Para eles, o JEPP trouxe resultados que interferiram de modo positivo no comportamento e atitude dos alunos, principalmente no que se referiu ao aumento do interesse na execução das tarefas de casa, no cuidado com as relações entre alunos e entre alunos e professores.

Alguns professores iniciaram uma mobilização para conseguir os recursos necessários às oficinas que seriam desenvolvidas nas turmas seguintes. A diretora Vânia Lisboa comentou que na escola os professores e alunos estavam tão motivados que iniciaram a construção de uma horta para trabalhar o conteúdo da oficina “Praticando a natureza: empreendedorismo e seus frutos”, do 4º ano. Contaram com a ajuda de outros funcionários da escola e de pessoas da comunidade que entendiam do cultivo de hortaliças. A supervisora Ana Lúcia declarou que realizou assinatura de gibis visando colaborar com a implantação da “Locadora de gibis”, oficina a ser desenvolvida no 5º ano.

Os professores observaram que a mobilização para a realização do mercado de balas influenciou a abertura de negócios no entorno das escolas. Empreendedores informais iniciaram comércio de lanches e balas nas proximidades para atender a demanda das escolas e da comunidade.

Outro fator observado pelos professores, como citado anteriormente, foi o aumento da aproximação dos pais com a escola. Parecia que foram retirados os “muros” que os separavam do ambiente escolar.

Em 2008, os professores voltaram a se reunir com uma consultora do Sebrae/RJ para discutir, avaliar e adequar alguns pontos do Programa e preparar o terreno para a continuidade do JEPP. Nesse mesmo ano, outra turma com 39 professores foi capacitada.

Em 2009, o JEPP iniciou uma modificação com o objetivo de aprimorar e adequar as oficinas às exigências da Lei que rege as diretrizes da Educação Fundamental e adquirir mais eficácia com os resultados do Programa. Os professores sentiram a necessidade de adequar o tempo previsto para o

desenvolvimento das oficinas e de pensar alternativas para a aquisição do material de consumo das vivências.

Ao saberem das alterações do JEPP, em 2010, diretores e professores reafirmaram o interesse em continuar com o Programa e estudar uma forma de inseri-lo no calendário letivo das escolas. Em reunião com a analista da área de Educação e Cultura Empreendedora do Sebrae/RJ, Fernanda Lisboa, os professores demonstraram interesse e motivação pela continuidade do Programa para o ano de 2011.

Em Barra do Piraí, o gosto de “quero mais” foi manifestado por todos os professores que se envolveram no JEPP. O grupo demonstrou interesse por uma nova capacitação que incluísse a reformulação do conteúdo proposta pelo Sebrae. Os professores desejaram anunciar às crianças que: “no próximo ano, a gente continua”.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

Como a interdisciplinaridade entre os professores influenciou na realização do mercado de balas?

Quais ações as escolas poderiam ter planejado e executado para uma maior adesão dos pais ao mercado de balas?

Descreva as características empreendedoras que os professores e os alunos demonstraram no desenvolvimento do mercado de balas.

Qual a importância de ensinar o empreendedorismo às crianças e que cuidados as escolas devem ter para conciliar esse conteúdo às disciplinas da matriz curricular?

Que pontos devem ser observados para disseminar o Programa JEPP em escolas públicas de outras cidades e regiões do Brasil?

REFERÊNCIAS

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sistema de Consulta a Matrícula do Censo Escolar – 1997/2010**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010. Disponível em <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/matricula/default.asp>. Acesso em: 3 nov. 2010.

Secretaria Municipal de Educação de Barra do Piraí. **Plano Municipal de Educação 2005/ 2015**. Barra do Piraí: Prefeitura Municipal de Barra do Piraí, 2005.

SEBRAE. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Brasil. Folder do Programa de Formação de Jovens Empreendedores. Rio de Janeiro: Sebrae/RJ, 2006.

_____. **Guia passo a passo**: metodologia para produção de casos e práticas de sucesso do Sebrae. 2. ed. Brasília: Sebrae, 2006.

AGRADECIMENTOS

Secretaria Municipal de Educação de Barra do Piraí

CIEP Brizolão 428 – Dona Mariana Coelho

CIEP Brizolão 284 – Nelly de Toledo Rocha

Escola Municipal Cortines Cerqueira

Escola Municipal Mario Mariotini

Escola Municipal São José do Turvo

Escola Municipal Pedro Alves Gomes

Equipe Técnica do Sebrae/RJ